

Dança de Pétalas*

Nilto Maciel

Tive um delírio, se não tiver sido sonho. Não tenho certeza de ter dormido, porém, talvez haja cochilado. No sofá. Após o almoço. Como ocorre diariamente há muitos anos. Alzira gostava desse hábito meu. Se me dispunha a sair de casa logo após o almoço, ela estranhava: “E o cochilinho?”

Havia bebido vinho. Quiçá tenha me excedido na dose. Há muito me afastei das bebidas. Aqui e ali provo um vinho ou vermute. Quando jovem até me embriaguei. Contudo nunca cheguei ao vício nem ao hábito.

Se não tiver sido delírio, foram divagações do ócio.

Uma rosa vermelha no chão. Em derredor dela plantinhas, tudo verde. Aproximava-me dela, cauteloso e, ao mesmo tempo, curioso. As pétalas cresciam, quase imperceptivelmente. Expandia-se a flor, e eu recuava. Temor de machucá-la. Uma voz me continha: “Não vá embora. Não tenha medo.” A voz parecia vir do interior da rosa. “Veja se consegue saltar até a corola, sem tocar as pétalas.”

Instigado pela voz, recuei para correr e saltar. “Venha logo, porque a rosa cresce sempre.” Caí entre as pétalas. O perfume excessivo me deixou sufocado. Ao mesmo tempo o vermelho se transformava em outras cores. Tonto, procurava me equilibrar e dar passos. Parecia dançar, rodopiar.

Não ouvia mais a voz. As pétalas haviam se fechado sobre mim. A rosa voltara a botão. Asfixiado, tentava escapar pelas estreitas aberturas ainda visíveis. Enfiava dedos e mãos nessas fendas. As folhas ou paredes resistiam ao meu desespero, como se quisessem me comprimir, esmagar. Lutei, lutei, lutei, até divisar espaço menos estreito. Parecia corredor. Andei, corri. No entanto, cheguei ao mesmo lugar.

Desesperado, chorava. E de meus olhos saltavam faíscas coloridas. Luzes de infinitas cores. Como num calidoscópio. Eu me entontecia. Tudo girava à minha volta. Ou eu girava feito pião. Embalado por música frenética. Sons se sucediam como em cascata. Frenesi.

Súbito eu parava. E tudo parava. À minha frente, em vez de uma pétala, eu via um espelho e minha imagem. Ao lado, outro espelho e outra imagem de mim. Para onde me voltava eu me via. Como se nunca me voltasse e o espelho fosse sempre o mesmo. Ou como se cada movimento de me voltar correspondesse a um segmento do tempo e eu estivesse diante de mim mes-

mo por toda a vida. No entanto, eu me sabia multiplicado, sem saber qual das imagens era ou havia sido a primeira. Onde se achava o autêntico Victor Hugo? De onde se originavam as imagens? Pois cada uma delas fazia a mesma pergunta: quem é Victor Hugo real, o de carne e osso? E cada uma das imagens dava a mesma resposta: sou eu. A voz soava em uníssono, sem ecos, como se se tratasse de uma só voz. Logo, porém, as figuras perdiam a composição e se individualizavam. Insultavam-me. Uma gritava: “Vocês são bonecos.” Outra revidava: “Todas cópias de mim.” “O verdadeiro Victor tem um sinal no queixo”, adiantava-se uma das reproduções. E levava um dedo ao próprio queixo. “Você é um impostor. Isto em você é pintura. Em mim é natural.”

Enquanto isso, os espelhos se multiplicavam progressivamente e, com eles, as imagens de mim mesmo. Eu percebia, no entanto, serem os espelhos apenas o brilho das pétalas em infinita proliferação.

Assim pensando, dei por mim sentado na cadeira de balanço, boca seca, olhos irritados. Não fui logo matar a sede. Havia uma rosa minúscula à minha frente. Parecia uma estrela ou um pirilampo, se fosse noite. E se apagou vagarosamente, feito um anjo, um ser de outras paragens.

* Extraído do livro *A Rosa Gótica*.

Aqueles Homens Tristes

Nilto Maciel

Deitou-se ao lado da mulher, como se se preparasse para morrer, sem uma palavra, um gesto de carícia, qualquer menção de repetir cotidianas cenas de brutalidade e desejo. Fechou os olhos e imobilizou-se. Queria apenas pensar, pensar ilimitadamente, desprender-se de todos os laços palpáveis de seu conhecimento, perder-se por corredores e labirintos, por horizontes e profundezas. Desordenar as coisas, as pessoas, o mundo. Fazer redondos os quadrados, aparar arestas, encrespar as formas planas, reduzir a minúsculos montículos as grandes montanhas, agigantar-se. Como em noites passadas.

Não conseguia compreender como e por que tudo se deformava e nunca teve coragem de contar nenhuma de suas descobertas a ninguém. A não ser as mentiras menos assombrosas: aquela porção de frutas amontoadas, a paulada na cabeça de fulano, a tempestade, os monstros. Umas já se haviam perdido no tempo ou tinham ocorrido com outras pessoas. Às vezes discutiam, se ameaçavam e até se matavam, raivosos, incapazes de ouvir tantos disparates, insultos, desafios.

E a mulher, os filhos, os companheiros de caça, o resto será que não saía, um pouquinho só, além dos limites da mesmice? Ou também sentiam medo de contar novidades?

De noite, depois de fechar os olhos, entregar-se ao invisível, tudo virava de cabeça para baixo, transformava-se, confundia-se. A mulher se fazia outra, os filhos morriam, sumiam, se batiam contra feras. Os bichos se devoravam, violentos, estraçalhavam-se, sangrentos. Muitas águas, muito fogo, ventanias de arrastar homens e animais. E nada era verdade, quando não era mentira. Sua mentira.

Não, talvez não fosse bem assim. De dia, os olhos viam o mundo e o mundo existia. De noite, os olhos de dentro viam o mundo, porém um outro mundo.

Abriu os olhos, levantou-se, suado e trêmulo, e olhou para as estrelas que piscavam no céu e para o fogo que ardia ao redor das cabanas. A mulher dormia, os filhos dormiam, todos dormiam. Deu dois passos, escutou o grito dos bichos e sentou-se numa pedra. Onde andavam as milhares de pessoas de minutos atrás? Onde estavam aquelas construções enormes, feito cabanas sobre cabanas? E os objetos que se locomoviam, feito tartarugas de rodas, a

conduzir gente, às carreiras? E os outros que voavam, feito pássaros? O que fazia tanta gente ajoelhada, diante de imagens de barro e homens que falavam de “morada do céu”? E por que quase todos não paravam de suar, o dia todo a derrubar árvores, cavar o chão, semear a terra, bater ferros, sob as ordens de uns poucos? Que diabo significavam pedaços de papel coloridos e numerados que aqueles recebiam dos chefes e trocavam por comida, roupa, objetos variados de propriedade dos mesmos chefes?

O sol se anunciou vermelho e encantatório por detrás das montanhas. E se lá vivessem aqueles homens tristes?